

# ADORNO POR HABERMAS: SUBJETIVIDADE E AUTOAFIRMAÇÃO

ADORNO BY HABERMAS: SUBJECTIVITY AND SELF-AFFIRMATION

Daniel Sotelo<sup>1</sup>

## RESUMO

Pretendemos neste pequeno ensaio discutir algumas ideias de Adorno. Deste modo escolhemos uma via para elaborarmos esta discussão. Utilizaremos o pensamento de Jürgen Habermas sobre Adorno para entendermos como o filósofo da Escola de Frankfurt que deixou o grupo para isoladamente entender e criticar a teoria crítica. Habermas entende e muda de rumo da Escola de Frankfurt, da teoria crítica para a teoria da comunicação. Como sabemos Habermas se desligou do grupo e elaborou ideias diferentes desta escola. A sua teoria é denominada de teoria da comunicação e da crítica à esfera política e da esfera pública. Habermas continuou amigo dos fundadores da escola de Frankfurt, mas se distanciou do pensamento de todos eles tomando outra via para entender e explicar a sociedade. Para ele a solução dos problemas da sociedade não está na crítica à dialética, mas na crítica à comunicação e à política.

**PALAVRAS-CHAVE:** ADORNO, HABERMAS, SUBJETIVIDADE, AUTOAFIRMAÇÃO.

## ABSTRACT

We intend in this short essay discussing some ideas of Adorno. We chose a route to elaborate this discussion. We will use the thought of Jürgen Habermas about Adorno to understand how the Frankfurt School philosopher left the group to, alone, understand and criticize the critical theory. Habermas understands and changes the direction of the Frankfurt School, from critical theory to the theory of communication. As we know, Habermas turned away from the group and developed different ideas of this school. His theory is called communication theory and criticism to the political and public sphere. Habermas continued friend of the founders of the Frankfurt School, but distanced himself from the thought of them, taking another route to understand and explain society. For him the solution of societal problems is not in criticism of the dialectic, but in criticism of the communication and politics.

**KEYWORDS:** ADORNO, HABERMAS, SUBJECTIVITY, SELF-AFFIRMATION.

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Mestre em Teologia pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção e graduado em Teologia e Filosofia. Professor da Faculdade de Inhumas (FacMais).

## A Subjetividade

Habermas conta-nos uma história do último encontro que teve com Adorno em 1969. Adorno fala a Habermas o que ele pensava sobre determinados assuntos que mais gostava. Uma delas era o cinema e o talento de Charles Chaplin. O filme que assistiu é interessante. Conta uma história de um indivíduo que depois da guerra se depara com a perda das duas mãos. Ele recebe uma homenagem e é o ator principal do filme de Chaplin. Adorno não percebendo que o ator tem duas mãos mecânicas e estende a sua mão para cumprimentá-lo. Isto ocorre em Hollywood.

O ator estende a mão mecânica que agarra a mão de Adorno. Este leva um tremendo susto. Pois possuía uma mão mecânica implantada. Adorno fica muito constrangido. Chaplin vendo a cena imita o horror de Adorno numa pantomima e a tentativa de esconder a gafe cometida por Adorno. Todos riram de Chaplin e de Adorno.

A história de Adorno é uma história de Chaplin e vice versa. A atitude de Adorno passou a ser entendida como uma atitude burguesa, o espanto de um burguês com seu corpo completo diante de um corpo esfacelado pelo horror da guerra.

Para Habermas isto representava “a frieza como o princípio da subjetividade burguesa, sem a qual Auschwitz não teria sido possível”. Adorno com esta atitude relembra os horrores da guerra, “decifra que a normalidade mais insuspeita, a vida sem calor humano”. Sempre estamos desprevenidos em certas situações. São acontecimentos que nos deixam perplexos. Assim o metal frio de uma mão mecânica leva o grande ator a fazer uma mímica e imitar o embaraço de um grande filósofo. Filósofo da hipersensibilidade, aquele que viu o horror da guerra, vê agora o horror da mão mecânica. O homem que se assustara é o mesmo escritor que afirma penetrantemente que “a razão é distinta da natureza”. O homem que tenta recuperar o autocontrole é o mesmo que recuperou o medo da barbárie. A mímica desfaz a tensão do homem assustado.

Adorno usa a obra “Odisseia” para mostrar os rastros perdidos de uma pré-história da subjetividade. O herói nesta obra é um homem astuto que foge do caminho e da rota para seguir sua peregrinação para não entrar em crise. A

crise é do ego e que forma a sua própria identidade. A astúcia faz parte da vida de Ulisses. Ele foge dos encantamentos e das forças místicas, foge dos sacrifícios a que fora obrigado a fazer. Esta fraude não é descoberta. Assim esta fuga da fraude leva o herói a aderir à mimesis. O eu se reelabora. Ele era difuso e confuso, passa a ser e ter o conhecimento. O eu se organiza e controla a natureza interna e externa. A autoconsciência passa a ser autonomia e dominação da estranha natureza. A certeza é antidialética e é questionada por Adorno.

## **A Técnica**

O homem ao se submeter à natureza externa só é possível na opressão e na sublimação. A manipulação na técnica luta contra a subjetividade da dominação. O eu original se identifica com o eu mesmo. Para Adorno a dominação da natureza é diluída com o sacrifício ritual do ego que quer conservar a opressão.

Na história da humanidade a violência está sendo praticada contra o próprio homem e a própria natureza. O controlar a natureza faz parte da manipulação técnica e a dominação pela instituição. O controle da natureza está ligado à violência introjetada dos homens sobre os homens, a violência do sujeito sobre sua própria natureza. Os homens foram escravizados pela própria técnica. Ao manipular a técnica não dá mais para revolucionar as relações sociais. Os indivíduos foram mutilados por instrumentos criados pela própria técnica. Aquilo que o homem criou pela técnica para se libertar o escravizou, manipulou e mutilou o próprio homem.

Adorno afirma: “Com a negação da natureza dentro do homem, não somente o *telos* do controle externo sobre a natureza como o *telos* da própria vida torna-se confuso e intransparente”. Aqui podemos analisar esta questão do homem e da natureza. Os homens de hoje pouco diferem dos homens da caverna. Ou que os homens que alcançaram tal técnica, tecnologia são capazes de cometer barbárie, opressão e manipulação. O herói vai para o seu destino, caminha para o seu alvo, mas se a reprodução da vida não for rompida, a autonomia não for recuperada, o homem continuará bárbaro.

Adorno como que um visionário, vê, prevê e antevê o que acontecerá em relação ao nosso tempo: uma subjetividade atrofiada da experiência individual que se apóia ao sujeito antigo que já foi condenado. A subjetividade burguesa esvai, e que se decompõe como a substância no sofrer humano pela coação social. Adorno interpreta desta maneira em sua própria vida. Adorno não quer ser infantil nem adulto, nem aceitar o infantilismo, não quis fazer regressão. Ele era experiente e tinha atitudes de criança. O seu comportamento era de isolamento e melancolia. A sua ciência era melancólica. A sua abertura de comportamento leva-o a uma comunicação livre como pensamento. Ele é aberto à inteligência. Ele não tem medo, mas é melancólico. Adorno era indefeso. Ele foi perseguido por um destino amargo. Destino aqui tem o sentido original Hebraico: *paqad* – onde o próprio indivíduo constrói do início ao fim o seu caminho. Destino é caminho. Diferente do termo grego: *moira* – onde os deuses criam o seu caminho e não tem possibilidades do sujeito ser sujeito de sua vida. A sua vida já foi traçada.

O exílio de Adorno é forçado, não é o seu destino. Nem *moira* nem *paqad*. Adorno é indefeso por uma razão. Não é a mãe, não é a irmã, mas a mulher que o faz adulto integral. Ela o ajudou a ser imunizado e adaptado à realidade, à barbárie. Ele se caracteriza como adulto. Ele é um *ger* (em Hebraico - estranho) às instituições. O seu desejo não era este, mas é uma autodefesa.

Ele nunca foi reconhecido como filósofo no sentido tradicional. A filosofia acadêmica, se é que a palavra é correta. Os filósofos nunca o reconheceram esse intelectual pouco comum. Mas os literatos o reconheceram. Ele nunca foi uma homenagem. Ele nunca recebeu os prêmios oficiais que ganhou.

Adorno é melancólico. A sua melancolia vem de seu contato com Kierkegaard. Ao se fazer uma edição da obra de Adorno a editora coloca uma foto do autor escolhida a dedo mostrando esta face melancólica. Adorno lutou contra toda desesperança, lutou contra tipo de política absolutista e só a melancolia podia vencer esta oposição. A própria ciência humana em Adorno é melancólica. Como pensar o totalitarismo, o nazismo e o fascismo? Somente através de uma semente da melancolia. Adorno leu e releu, estudou Kierkegaard. A melancolia foi companheira de todas as horas dos dois autores: Adorno e Kierkegaard.

## Autoafirmação

Adorno é criticado por vários motivos. Inclusive Adorno foi criticado pela organização que fez da obra de seu amigo Walter Benjamin. A crítica é Adorno teria reprimido Benjamin por ser materialista o marxista. É que ele não aceitava a divisão em três partes a obra de Benjamin sobre Baudelaire. Isto é um grande erro. Adorno foi mais teórico, e mais refletido e um marxista mais bem informado e seguro. Adorno sempre esteve ao lado de Benjamin. Depois de Gershom Schollem é Adorno quem o mais ajudou e estimulou. Adorno é quem toma o pensamento de Benjamin e o transforma em infalsificável e insubstituível no debate na Alemanha. Estas acusações a Adorno o afetaram profundamente. Única coisa que ele aceitou foi a presidência da Sociedade Alemã de Sociologia.

Para Adorno “os sujeitos são livres... na medida em que são conscientes de si mesmos e idênticos consigo” A burguesia foi condenada por Adorno ou não? Ele era um burguês? Por que criticam tanto Adorno por ter criticado os burgueses sem se libertar do fascínio da burguesia. Adorno achava impossível abandonar essa subjetividade. O que ele critica na realidade é em sua filosofia o salvar o que o Espírito, obcecado pela produção do idêntico do objeto e o não o idêntico. O não idêntico está no mito de Odisseu. Aqui está a desagregação do ego. A não identidade representa as dimensões da verdade. Adorno então toma a dialética do universal e do particular que está em Hegel. Isto vem da comunicação da linguagem comum.

Um objeto particular: coisa, pessoa, acontecimento é apreendido pelo universal. O sentido, porém, do particular não acaba com o universal. Adorno critica Hegel, a dialética que é indiferente ao indivíduo. Hegel não entendeu a totalidade. Ele não viu que a reconstrução dialética mostra a supressão da comunicação livre. Os indivíduos não se reconhecem entre si como produtos de um contexto alienante. “A sociedade é, conforme Adorno, ao mesmo tempo a essência dos sujeitos e sua negação”.

E se não fosse dessa forma acabava com o contexto de coerção, na qual a dialética age para acabar com a coerção. Para Adorno, a dialética é: a) a objetividade mostra o caráter coercitivo de um complexo histórico, sujeito da causalidade do destino. Esta forma pode ser rompida pela autorreflexão e é

contingente; b) o objetivo significa o sofrimento que pesa sobre o sujeito. O conhecer do contexto objetivo é o interesse em afastar o sofrimento. c) a dialética negativa é a palavra onde a prioridade da natureza está diante de toda a subjetividade que ela expulsa de si. O eu puro de Kant é mediado pelo eu empírico. d) o predomínio materialista do objetivo é inconciliável como uma aspiração cognitiva absoluta. A autorreflexão é uma força finita e é do contexto objetivo.

Adorno pede mais tolerância. “O cidadão de um mundo imperfeito: ele estaria mutilado para viver tal mundo... os intelectuais têm que ser mais tolerantes e que em sua resistência não simpatizem com o espírito do texto”.

A faculdade de conhecer não é isenta da forma frágil do sujeito e de sua mutilação. Qual é a legitimidade da crítica? Como justificar o pensamento crítico? Ele nunca quis responder essas questões. A negação do sofrimento vivido constitui um critério de validade dessa crítica. A negação não teria nenhuma referência, como na negação em Hegel; mas em Adorno é na compulsão de recorrer à ideia de reconciliação. Não dá para se livrar da negação, pois o sofrer é sublimado de forma a transcender a dor física e só pode ser negado ao se manifestar quando for reprimido pela coação social.

Para este autor: “o mundo reconciliado não anexaria através de um imperialismo filosófico, o estranho, mas a sua felicidade é manter o estranho, ... como distante e como distinto, além de heterogêneo e próximo”. Para nosso autor a ideia de verdade se constrói sobre um modelo de consenso idealizado, obtido na comunicação isenta de violência. Para ele a verdade das proposições está junta à intenção de uma vida verdadeira. Então não há possibilidade de reconciliação nesta sociedade. Se a ideia de reconciliação se reduz à ideia da autonomia, na vida em comum processo de comunicação livre de violência e da forma de uma lógica da linguagem comum, e então essa reconciliação não seria universal.

Na escola de Frankfurt: Benjamim, Hockheimer, Marcuse, Ernest Bloch, juntamente com Habermas duvidam da possibilidade de uma emancipação dos homens sem a ressurreição da natureza. Os homens conversam sobre a isenção da repressão e do medo, sem que houvesse a natureza de relações fraternas.

## Conclusão

A reconciliação deve ser recomposta, o vínculo foi rompido, o controle da natureza está presente, e a repressão da natureza está patente e que a reconciliação com o universal seria uma ideia otimista. A opressão da natureza é elaborada pela atitude dos métodos da ciência e da técnica. A dor dessa opressão é abafada por uma tradição cristã milenar e que deixou vestígios nos subterrâneos da tradição. Queremos a terra e o universo como nossos vassallos. A dor não é retirada pela teologia ou filosofia, mas a dor não deve permanecer indiferente em relação a uma sociedade cuja reprodução não exige mais a exploração das nossas angústias. “A falência da práxis é a culpa do momento histórico”.

## Bibliografia

FREITAG, Bárbara. **Dialogando com Jürgen Habermas**. Tempo Brasileiro: Rio de Janeiro, 2005.

FREITAG, Bárbara. **Habermas, Sociologia**. Editora Ática: São Paulo, 1993.

HABERMAS, Jürgen. **Entre Naturalismo e Religião**. Tempo Brasileiro: Rio Janeiro, 2007.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da esfera Pública**. Tempo Brasileiro: Rio Janeiro, 1984.